

Cinquenta e seis anos

O Júlio Mendes passou-me, há dias, fotocópia do *Notícias Magazine*: uma página de António Alçada Baptista intitulada *O Padre Américo, Escritor*.

«Uma vez, aí há trinta anos, falei nisso» — assim principia o artigo. Que termina por: «Eu gostaria de fazer uma antologia das suas páginas».

«Isso» é exactamente o carácter popular e aristocrata, profundo e inteligível na epiderme, que faz do Escritor um leque aberto ao «fascínio da sua leitura», desde quem pouco sabe e quase nada lê até aos intelectuais a que pertence o articulista. É realmente um talento singular que raras vezes tem aparecido no tablado das Letras. Eu que estou a menos de meia distância entre os iletrados e os intelectuais, sofro desse fascínio desde o primeiro número d'O GAIATO e foi por ele que lobriguei o meu caminho.

É pena que Alçada Baptista tenha desperdiçado estes «trinta anos» sem começar, ele próprio, «a antologia que gostaria de fazer». E aqui lhe digo que seria uma tarefa torturante a de seleccionar textos em pleno apetite devorador de os seleccionar todos. Mas há uma coisa que poderia fazer, no

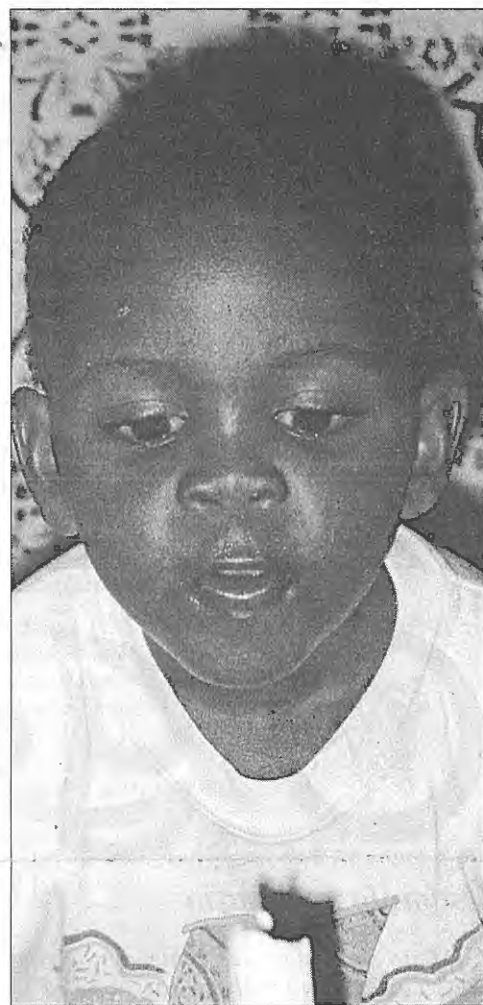
mundo do Pensamento e das Letras em que gasta a sua vida com brilho e geral consideração: Motivar, entre os seus pares, quem estudasse «O Padre Américo, Escritor» e o escolhesse para tema de doutoramento que enriqueceria, com certeza, as Letras Portuguesas.

Este fim-de-semana esteve connosco, uma vez mais, um Professor de Ciências de Educação que ainda este ano defenderá sua tese sobre *O Padre Américo, Educador*, numa Universidade de Barcelona ou de Palma de Maiorca (não fiquei certo de qual). Actos semelhantes aconteceram em Lovaina e Roma. Em Aveiro, a chama que o Doutor João Evangelista Loureiro deixou acesa, não se apagou. Porque não há-de ela alastrar a algumas das nossas Faculdades de Letras?! Uma sugestão a Alçada Baptista que talvez ele possa relançar.

E já que no presente aniversário d'O GAIATO foi ele a causa-inspiração destas modestas linhas, quero dizer-lhe que «o Padre Américo não era uma referência da vida portuguesa»: É. E continua sendo, exactamente, pelo «seu Jornal O GAIATO, que tinha um índice de leitura raro na vida portuguesa» e hoje tem o dobro porque «a

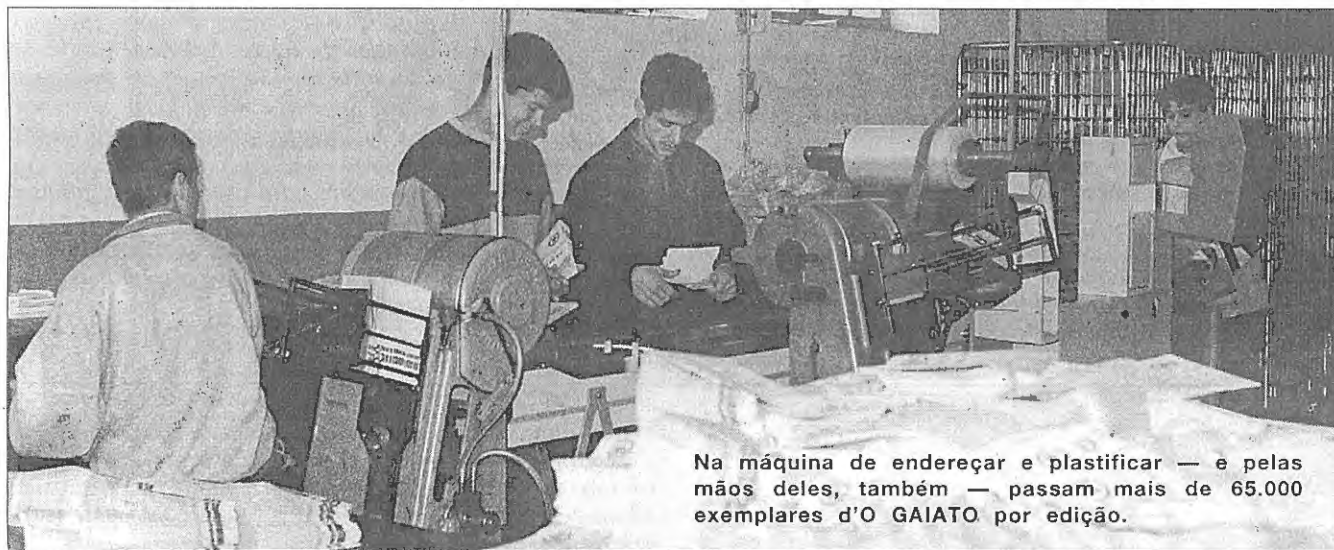
minha Obra começa quando eu morrer» e o seu Jornal é sùmula e cume da sua Obra.

A expansão e o impacto d'O GAIATO nada têm a ver com a categoria dos redactores que, desde há quarenta e quatro anos, assumiram a missão que a morte de Pai Américo deixou em aberto. O segredo revelam-no tantos e tantos Leitores, simples de alma e de conhecimento literário, que chamam a O GAIATO, «o seu Evangelho». E os Evangelistas, exceptuando Lucas, não tinham nada de douto! O próprio João, o «Teólogo», não aprendeu de outra Fonte senão do Espírito que assim o inspirou. O Mesmo, exactamente, de quem aprendeu Pai Américo. O Mesmo que soprou nele a paixão da Justiça, da Caridade e, a par, se não antes numa rigorosa cronologia, a paixão da Verdade. São estes valores, cultivados na pobreza que somos, mas em esforço sincero de fidelidade, a única explicação do «índice de leitura raro na vida portuguesa» que O GAIATO tem e que faz do Padre Américo e do seu Jornal não mera «memória de alguns», mas uma recordação que é memória viva e plena de afecto no coração dos homens.



Um «Batatinha» moçambicano sopra a vela comemorativa dos 56 anos d'O GAIATO.

Padre Carlos



Na máquina de endereçar e plastificar — e pelas mãos deles, também — passam mais de 65.000 exemplares d'O GAIATO por edição.

BENGUELA

Este povo sofre muito!

ESTA mulher está tuberculosa. É mais um, entre a multidão incontável de casos. No mapa das endemias existentes em Angola, a tuberculose ocupa lugar destacado, ao lado da malária, doença do sono, sida e lepra. Estes os campos de batalha que deviam absorver boa fatia do orçamento geral do

Estado. Mas não é assim. Por isso, o inimigo ganha terreno a ponto de constituir, apetece-me dizer, uma calamidade natural. Vai dizimando, de forma cruel, porque actua à vontade, vidas e mais vidas, a maior riqueza da Nação.

Neste campo social, como noutros, as instituições particulares, sobretudo religiosas,

são um baluarte a impedir que o mal seja maior. Não vão além, contudo, da gota de água no oceano. A juntar ao perigo grave da doença está o perigo das estradas, com minas e embuscadas, na busca do tratamento, onde é possível. Por exemplo, na cidade do Cubal, a mais de centena e meia de quilómetros de Benguela, há um hos-

pital anti-tuberculose, nas mãos dedicadas e eficientes das Irmãs Teresianas. Ali há carinho, organização e cura. Para lá chegar, porém, o doente corre o risco de perder a vida, por causa da guerrilha. Mas vai. Arrisca tudo. Se não for... morre da doença. Este povo sofre muito!

A mãe de que vos falo quer ir para o Cubal. Está muito doente. Vai tentar, amanhã, segunda-feira, se houver transporte «candongueiro». A viagem é por nossa conta. E mais alguma coisa. Tem três filhos ainda pequenos. Estão em perigo,

por causa da doença da mãe. Não se sabe do pai, nem doutros familiares. No bairro, onde vivem, ficarão ao cuidado dum vizinha, com três filhos também. Vamos ajudá-los. Estive no bairro a combinar tudo. Fiquei feliz por encontrar uma saída para os filhos, pois temos a nossa Casa muito cheia. «Os filhos ficam comigo» — diz a senhora vizinha.

Queremos caminhar de mãos dadas com esta gente que sabe, também, dar as mãos. É o Evangelho vivido. É possível viver o Evangelho. Esta vizinha ensina, com sua experiência, como se constrói uma sociedade digna: dando as mãos. Jesus veio trazer o fogo à terra. É preciso pegar o fogo: Justiça e Amor. Deu-se à mãe tuberculosa o gozo do seu direito à cura. É um direito. Pegou-se o fogo. «Os filhos ficam comigo» — responde a vizinha. Foi o incêndio.

Os Pobres, as suas experiências, as suas necessidades e direitos, a sua esperança de cura e salvação, são o critério de toda a palavra e acção cristãs. Fala-se tanto da «Igreja dos Pobres»... Fala-se tanto da profecia da vida dos cristãos e da vida consagrada... O Santo Padre, há dias, falou expressamente a mesma linguagem: «O testemunho da Caridade é a grande profecia do tempo actual...» Não é por falta de palavras que o mundo anda mal, tanto quanto. Falta-nos a vida. Quero aprender com os Pobres, que o são no seu íntimo, o caminho da construção do Reino.

O Jornal O GAIATO faz anos. Quero dar-lhe os parabéns por ser também caminho do Reino para os seus Leitores. Que não perca nunca a sua ligação com a raiz: o grão de mostarda.

Padre Manuel António

PENSAMENTO

A plenitude da Vida é o Amor.

PAI AMÉRICO

Colaboração

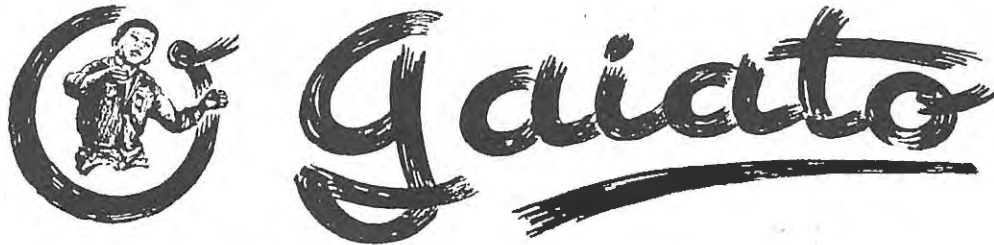
NOTA DA REDACÇÃO — Quando procedemos à recensão de cartas — montes delas! — que aguardam lugar no *Famoso*, ficamos sempre d'alma cheia pela Graça que irradiam, como num dia de Pentecostes.

É gente de todas as classes sociais que fazem d'O GAIATO — mau grado as nossas limitações — um apoio espiritual, um santuário das suas vivências.

Naquele tempo, à hora do correio, Pai Américo sorvia, e bem, as mensagens que recebia de todo o mundo, pelo carteiro. Até mesmo as dos seus contestatários, que os teve, e deram material para as colunas d'O GAIATO.

— Ai de mim se não pregar, tendo, como tenho, um tamanho auditório!, sublinhava ele no comentário a uma carta, d'algures. Acrescentando uma oração no seu estilo peculiar: — Senhor, que eu faça sempre como acredito, para não ser jamais estorvo à fé de quem deseja acreditar.

Aí está muita gente, festejando com a alma e o coração nas mãos, outro aniversário do *Famoso*. Falam do Jornal — o pequenino revolucionário — da Obra da Rua, de si próprios também. Tanto e de tal maneira que somos forçados, aqui e ali, a aliviar qualificativos — pois não somos dignos de tanto amor!



Estímulo e desafio

«Muito obrigada pelos conteúdos de vida que comigo partilham através d'O GAIATO. São para mim estímulo e desafio a viver o Evangelho com mais seriedade. São também um sinal de Esperança num mundo mais fraterno — se cada um fizer por isso mesmo.

Assinante 14747»

Norma de vida

«O homem precisa de ser amado; e, de o ser, aprenderá a amar (...)» — n'O GAIATO.

Quanto tenho meditado nesta 'norma de vida', nesta forma de acarinhar e apoiar a criança e os jovens... e todos aqueles que nunca se sentiram amados! O GAIATO,

como sempre, convida-me a fazer uma análise crítica do relacionamento que tenho mantido com os jovens. Neste momento, sou eu que me interrogo a mim própria, sacudida no meu comodismo pelas vossas crônicas, pelo vosso questionar permanente, pela Educação que proporcionam aos vossos rapazes... e pelas realidades confrangedoras do mundo estranho em que vivemos: — O que tenho feito por crianças que não tiveram o tal 'berço de amor', a que têm direito? O que tenho feito por jovens, a quem a sociedade oferece situações e falsos conceitos de felicidade e, que, depois, atira 'às feras'? O que tenho feito por aqueles que já não têm Esperança?

E sinto-me tão pequenina!

Mas acompanhada nas minhas divergências em relação a um 'ideário' que apenas tem como alvo o sucesso do poder político e

económico. E ouço a vossa voz, a voz dos rapazes a quem dais de 'coração aberto' o tal Lar que nunca tiveram, a formação humana e profissional de que necessitam para se realizarem como 'gente', como 'pessoas'! Cada vez que 'leio' um GAIATO, sinto necessidade de meditar... E vou seleccionando mensagens que poderão ajudar-me a dar a mão ao Outro, e ouvir melhor o 'coração' de quem sofre... e a aprender a caminhar num mundo de valores cada vez mais esquecidos, o que tanto tem lesado os nossos jovens, os velhinhos, os doentes, os mais fragilizados da vida. E tudo isto são lições que tenho aprendido convosco, através da leitura do vosso Jornal, que eu incluiria numa bibliografia de leitura obrigatória para pais, professores, ministros...

Assinante 67395»

Mundo que não imaginamos

«Em nome de meu pai, quero agradecer o envio do Jornal e pedir que continuem.

São palavras vivas de partilha e amor que nos alertam para um mundo que, por vezes, não imaginamos.

Desculpem só agora o fazer, mas era uma tarefa que, antes, não me competia.

Assinante 11056»

Acompanha-me nas viagens

«Leio O GAIATO com muito carinho. Acompanha-me nas viagens, por vezes. É um verdadeiro bem poder lê-lo, sabendo que todo ele é uma bênção para os dias de rotina e de egoísmo em sociedade. É uma pena, pois aquilo que é são, não é comercial, não é objecto de exposição em massa. São notícias que não interessam lá muito... Pergunto-me se certos políticos alguma vez leram O GAIATO, se em jantares do Jet 7 não era de lhes 'oferecer' como 'entrada principal' O GAIATO, pelo Gaiato!

Continuo a gostar da forma corajosa e inteligente como escrevem. Desprendida. Vocês são verdadeiros profissionais do amor ao Próximo.

Assinante 66972»

Saber ver o semelhante

« — Quem lê sabe muito, mas quem olha sabe, às vezes, muito mais.

Este 'pensamento', de quem desconheço a

autoria, vem a propósito das últimas crônicas do Padre Carlos. Esse *Jornalzinho* que deveria ser lido pelas 'sapiências' (!) antes de deitarem cá para fora as doutas sentenças ou conclusões. Ajudá-los-ia, por certo, a saber ver o seu semelhante, já que o seu conteúdo humanizante nada tem a ver com os livros frios da Lei por onde aprenderam o seu saber (!).

Assinante 31166»

Aliviar o isolamento

«Uma sobrinha, que me visita, traz-me O GAIATO para aliviar o meu isolamento, sabendo como sou viciado em ler e escrever prosa e poesia.

Já tenho noventa anos de idade. Assisti a milhares de mães e tratei um 'milhão'... de crianças, de quem fui apaixonado quase meio século. Alegrias e tristezas!...

Admiro e louvo todas as Obras em que a Criança é o ponto a ser beneficiado com justiça, beleza e emoção.

Aproveito para enviar um 'acróstico em verso' que ofereço, penhorado, em honra d'O GAIATO. Bem hajam!

Obras que são de louvar!

'Gaiato', é sempre encanto
A beleza, a inocência...

Ide afastar-lhe algum pranto
Amparando esta vivência;

Tudo, então, Deus dá valor
O que logo marca Amor!

Assinante 70120»

Vida absorvente

«O cheque nem de longe paga as lições que o Jornal nos traz — e que tão depressa esquecemos, mergulhados na tal 'vida absorvente', que afinal se chama egoísmo, consumismo, etc.

A propósito de lições: Recebo enormes quantidades de livros que aqui jazem na maior inutilidade. Será que vos poderiam ser úteis? Será que me poderão orientar para os encaminhar, de modo a torná-los úteis?

Peço orações para os meus cinco filhos e para os meus pais (já falecidos) que muito admiraram a Obra do Pai Américo — e, desde a minha mais pequena infância, me ensinaram a amá-la.

Assinante 53893»

«Deus continue a tocar o coração do homem para que o Céu se instale nesta terra árida.

Assinante 42583»

«Uma pequena gota que o vosso sentido de Caridade saberá transformar.

Agradeço imenso o vosso Jornal. Que pena, aonde há tanto amor ter que falar de guerra!

É a paz a grande maravilha que se pode pedir para o próximo século. Deus a envie a todos.

Assinante 30424»

«Já devo muito e não me queria privar da leitura do *Famoso* por falta de visão, ele faz parte da minha vida pelo que quero continuar a recebê-lo para o poder facultar a outros que, pela sua leitura, não-de usufruir dos bens espirituais que eu, toda a vida, dele recebi.

Assinante 62667»

companheira durante 47 anos.

Assinante 7066»

«Agradeço o Evangelho tão fiel e impressionantemente traduzido no *Famoso*, o jornal que mais e melhor beneficia o meu lar.

Assinante 20613»

«O meu obrigado pelo envio do nosso O GAIATO, sem o qual não passo, pois com 'ele' paramos e refletimos. É imprescindível...

Assinante 36405»

«Embora já não possa ler o *Famoso* por falta de visão, ele faz parte da minha vida pelo que quero continuar a recebê-lo para o poder facultar a outros que, pela sua leitura, não-de usufruir dos bens espirituais que eu, toda a vida, dele recebi.

Assinante 62667»

Legendas

«Que Deus vos ajude e dê forças para que possais continuar essa maravilhosa Obra. E a nós que nos ilumine para que saibamos avaliá-la e contribuir para a sua expansão.

Assinante 63845»

«Aí vai uma pequena quantia que encaminharão para onde for mais precisa. Continuo a receber o Jornal que se lê todo e me deixa alegre, triste, contente, inconformado, enfim, é do melhor que leio.

Assinante 13723»

«Segue um cheque para regularizarem a minha assi-

natura. E aproveito para vos desejar a maior coragem, para me continuarem a ajudar a libertar de mim, do meu egoísmo.

Assinante 46929»

«Que bem sabe ler estas páginas cheias de amor a Deus e ao Próximo.

Assinante 13369»

«Leio atentamente o vosso Jornal que para mim é uma 'Bíblia'. Que o Senhor vos ajude a continuarem a Obra da Rua.

Obrigada pelo vosso trabalho e as vossas palavras que me enchem as 'medidas'.

Maria Celeste»

«Na impossibilidade de pessoalmente o depositar em suas mãos, junto o valor da minha primeira reforma para o destino que melhor entenderem.

Deus continue a dar força para 'nos' poder continuarem a ajudar e orientar.

Assinante 30082»

«Abro a caixa do correio, está O GAIATO, olho a primeira página e não resisto a uma comoção.

No escrito, dirijo-me ao Pai Américo: — Tu és Pai. Converso com ele, mas eu não merecia a distinção da primeira página...!

Assinante 6240»

«É com um muito obrigada pelo vosso Jornal, e por tudo o que as vossas mensagens nos transmitem, que desejo a continuação do vosso empenho em dar,

em acordar, em abanar o que não faço — e deveria fazer.

Assinante 4602»

«Recebo O GAIATO religiosamente: o 'Jornalzinho' como lhe chamo.

Recebi o último livro da Editorial. Devia ter enviado o meu contributo e não o fiz. Talvez porque Deus quer que me penitencie e diga muitas vezes: — Ainda não mandei nada para O GAIATO!

Assinante 5580»

Tiragem média
d'O GAIATO,
por edição,
no mês de Fevereiro,
65.250 exemplares.

dos Leitores

Obra da Rua

A virtude da Esperança

«(...) Tiveram a atenção de se referir a meu pai em termos gratificantes e que muito nos desvaneceram pela saudade que em nós permanece.

Faço votos para que a Obra da Rua, a que estão a dar continuidade, se desenvolva, encontrando no Pai Américo a inspiração que vos dê forças. Neste mundo em que não esperávamos encontrar tantos motivos de reparo, são Obras como a Casa do Gaiato que nos permitem manter a virtude da Esperança.

Assinante 4150»

Recordações do Padre Américo

«Lembrei-me da Casa do Gaiato, que muito prezo, e tenho gratas recordações do Padre Américo a quem ouvi responder de como tinha sido capaz de levar por diante uma tão difícil tarefa com uma simples palavra: — Amando!

Também eu amei muito os jovens de quem fui professor, sobretudo no Liceu da Guarda. O que nunca fui capaz de fazer, foi converter esse amor em obra mais válida do que a educação que procurei dar-lhes.

J. C.»

Agradecimentos

«Um coração cheio de agradecimentos pelo trabalho e doação, com risco da própria vida, que vós, aqui ou em África, estais a desenvolver para que todos tenham vida, mormente os mais pobres, e a tenham com dignidade de

filhos de Deus. Mais palavras para quê? O que deixo dito é sentido e custa-me ocupar o vosso tempo. Muito obrigado por todo o bem que me fazem, nomeadamente, a desestabilização que me causam e pelo bem que fazem aos meus irmãos mais carecidos.

Assinante 50343»

Evocação

«Na evocação do 60.º aniversário da Casa do Gaiato — Santuário de almas, sob o Nome Santíssimo de Jesus Cristo — demos graças a Deus pela Obra que inspirou ao bondoso Pai Américo, na esperança de que muito brevemente seja elevado à honra dos altares.

Assinante 6998»

Linhas de rumo

«As mensagens e Obra de Pai Américo são sinal certo a marcar linhas de rumo para a conversão da Humanidade. Como no tempo em que vivia na terra e agora na Eternidade, reafirma que a sua posição continua válida porque não passa, e não passa porque tem o Sopro de Deus.

O GAIATO dá exemplos concretos de vivência cristã, pela caridade verdadeira que sempre irradia. Quantas conversões se terão verificado por tão exemplar actuação. No dia da Imaculada Conceição peço a Sua intercessão, como Mãe da Igreja, para que a Salvação chegue a todos os homens.

Assinante 10926»

A Obra da Rua sempre me fascinou

«É com enorme satisfação que envio metade do meu primeiro ordenado, pois concluí a licenciatura em Educação de Infância. E, a 1 de Setembro, iniciei o meu trabalho.

A vossa Obra sempre me fascinou. Como Fernando Pessoa, também acredito que as crianças são o melhor do mundo... Os homens de amanhã... Por isso, decidi dedicar-me a elas de corpo e alma.

A oferta não será grande,

Jovens

mas é tudo o que posso dar. E, este acto, dá-me uma paz interior tão intensa e tão boa de saborear! Dá vontade de partilhar este momento com todos, não por vaidade do acto, mas pelo simples prazer de partilhar as coisas boas com o Próximo.

Peço que mantenham anónimo este pequeno gesto. Mas a essas queridas crianças, podem transmitir que as tenho no coração...

A elas e a todas as crianças do mundo.

Uma leitora»

Escolhi o Padre Américo

«Sou a Raquel, tenho 11 anos e ando no 6.º ano. Em Moral, para a área-escola, estamos a fazer trabalhos sobre personalidades.

Eu escolhi o Padre Américo, pois acho que ele ajudou montes de rapazes, ao

construir a primeira Casa do Gaiato.

Peço que me mande coisas sobre o Fundador e a Obra da Rua. Obrigada.

Raquel»

Universitário

«Sou estudante de Medicina Dentária, aqui, no Porto. Como sou universitário, os meus pais é que me dão o dinheiro. Por isso, mando só esta quantia. Confesso que, com tanto estudo, às vezes, uma pessoa não consegue olhar para o lado, nem ver quem nos rodeia e quem quer o bem para nós.

Peço mil perdões pelo meu atraso e pela minha indiferença à atenção que tanto me dão.

Assinante 56761»

Fiz treze anos

«Sou o Bruno Daniel. Fiz treze anos. E como tive muitas prendas, entre elas algum dinheiro, quero oferecer-lhe aos «Batatinhas». Também gostava de ser assinante do vosso Jornal.

Os meus cumprimentos para todos da Casa do Gaiato e um beijinho da minha mãe e da minha avó.

Assinante 69434»

Dar ânimo

«Aproveito o momento para manifestar a minha admiração pela Obra da Rua realizada, em Portugal, Angola e Moçambique. Lamento que a minha colaboração se resuma a uma contribuição monetária anual, acompanhada de algumas palavras que, embora sinceras, não se libertam de uma certa banalidade. Desejo, contudo, dar-vos ânimo para prosseguirem e aprofundarem a Obra que assumiram realizar, assegurada com novos e empenhados colaboradores.

Assinante 11179»

Imperativo de consciência

«Quando recebo e leio O GAIATO transborda-me o coração a sua beleza, a riqueza intrínseca da Obra da Rua e cresce-me um desejo imenso de dar; dar muito e não um pouco do que tenho. Depois vêm os raciocínios humanos, as contas, os encargos... Deus me conserve, ao menos, este imperativo de consciência de dar este pouco, que nunca me fez falta. Ele paga a cem por um.

Assinante 54122»

Vocações

«Envio um cheque para a minha assinatura d'O GAIATO (se é que alguma vez a 'riqueza' desta publicação possa ter preço!) e o restante será um pobre contributo para a Obra da Rua — tão grande!

Deus vos cubra de bênçãos e graças e vos dê vocações. Que não faltem Padres da Rua a trilhar os caminhos de Pai Américo.

Assinante 26004»

As nossas Edições

Que escreveria hoje o Padre Américo?

«Há meses, iniciei uma nova leitura dos vossos livros e interrogo-me frequentemente: — Que escreveria, hoje, o Padre Américo? É que, em meio século, as motivações, exigências, mentalidades, egoísmo, são tão diversos... Como conseguem manter o mesmo espírito de Obra 'de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes' com os defensores dos 'direitos da criança' à perna, mas sem se preocuparem quando Elas estão no meio da rua a tocar (a todo o tempo), deitadas nos bancos públicos ou nos respiradores do Metro a dormir, ou no 'gamanço' como elas próprias dizem.

Assinante 26055»

É uma preciosidade

«Chegou às minhas mãos o livro Padre Américo — místico do nosso tempo.

Como todos os outros — da vossa Editorial — é uma preciosidade que já tenho em meu poder.

Assinante 28101»

Estou a gostar do livro

«Agradeço o que me enviaram. Já o comecei a ler. E já vou a meio. Estou a gostar muito, muito! Obrigada...

Assinante 25792»

Trespasa a alma

«Li imediatamente e, quantas vezes, reli passagens! É um livro que trespasa a alma. Pai Américo, assim ainda o amamos mais, bem como a sua Obra da Rua.

Assinante 19575»

Diante d'Ele

«Recebi e agradeço O livro que me foi enviado. Diante d'Ele eu me confesso Sempre em sonho elevado. Junto o cheque que ofereço Sabendo que multiplicado, Recebo! Se o mereço A alguém digo obrigado. Também convosco a Deus peço. Por quem no Mundo é crucificado!

Assinante 22836»

Vidas tão ricas!

«O livro está a ser lido, devagar. A vida de Pai Américo e a da sua Obra são tão ricas, debaixo de todos os pontos de vista, que tem que ser bem saboreado e mastigado.

Há muito tempo que devia ter escrito, mas os dias e os anos iam passando, pelo que peço imensa desculpa. Contudo, continuo a receber o nosso pequeno-grande Jornal O GAIATO, o primeiro Jornal que comecei a assinar, já lá vão 47 anos, dado que o recebo desde 1951 quando fui para Angola. É o meu companheiro, à noite, lido duma ponta a outra.

Assinante 16060»

A nossa cruz

«Pelos ensinamentos que contém, o livro tem para mim muito valor.

O santo Padre Américo ocupou parte da sua vida a cuidar, a resolver problemas dos Pobres, dos marginalizados, dos desprotegidos da sorte; a aliviar dores, amarguras, tristezas e sofrimentos. Que ele se digne pedir ao Senhor Nosso Deus, que nos dê bom senso, o discernimento, a coragem para arrastarmos a nossa cruz.

Assinante 17912»

INQUIETAÇÃO SACERDOTAL

Insignificante

«Sou o mais insignificante dos vossos contribuintes, mas sou também um dos grandes admiradores da Obra da Rua!

Que o Menino Deus vos conceda um novo Milénio cheio de saúde, paz e muita alegria.

Assinante 65274»

Donativo

«Como celebrei, este ano, os meus cinquenta anos de Sacerdócio, lembrei-me de enviar um donativo para os Pobres mais

pobres. Aqui vai o cheque com muita alegria porque sou Padre, porque conheço o Evangelho, por ser a Obra que é, e em homenagem ao Padre Américo.

Assinante 822»

Descoberta

«Descobri uma mina! Cada vez que mando dinheiro para aí, aparece dinheiro que não esperava. Por isso, espero continuar. Para as Casas do Gaiato de Além Mar.

Assinante 12572»

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Habitações gritantes

SENHORA daquela zona, apaixonada pelo marido e quatro filhos, junta à sua paixão a vida dos Pobres, sobretudo doentes e crianças da Catequese. Mais uma vez fomos com ela dar uma volta. Pelo caminho, topámos aflições de famílias com ela relacionadas. Em certa aldeia, ao fundo de fraco acesso, encontrámos a casita onde habitarão os pais e três filhos. Ele já idoso e muito doente. A mãe sofreu

uma trombose, ficando muito marcada. Só ganha um dos filhos.

A moradia é muito pequenina. O casal tem o seu quarto ao fundo, num barraco de madeira, onde a chuva e o vento entram pelos buracos das frestas e das telhas. A cozinha é um barraquito construído no outro lado da rua.

Recebiam o rendimento mínimo, mas a assistente social cortou-lho, alegando

que o filho já ganha. Não têm quarto de banho: — *Olhe que temos de nos arranjar por aí...!* E, assim, esperam pela caridade dos Outros.

Deixámo-los com alguma esperança e despedimo-nos amargurados.

SEGUIMOS e parámos noutra aldeia, perante uma situação familiar que é de arripiar! Estava só o marido. A mãe e os três filhos tinham saído. Ele é

muito doente. Mostrou a cicatriz dum operação que fez, há pouco tempo. E já tem data marcada para, agora, ser operado à coluna. O lar é uma casa antiga, em ruínas. Sem divisões nem escada segura, paredes muito velhas, cheias de caruncho e, do telhado, chove como na rua. Havia muita humidade no chão, de cimento, esburacado. Estão a pagar um empréstimo contraído, na Banca, para aquela miséria. O homem encostado à porta de lata velha, desabafa: — *Somos infelizes. Eu não tenho saúde nem esperança de poder voltar a trabalhar; a minha mulher não tem emprego. Um homem, já de idade, desonrou a minha filha, de nove anos, e o Tribunal não resolve nada. A assistente social não aparece, aqui, há já cinco anos. Somos uns desgraçados!*

Deixámos alguma esperança, mas o Património dos Pobres não tem possibilidades de dar total solução a estas situações.

O motorista que nos acompanhou, ficou abismado com tudo o que viu e ouviu. E, a caminho de casa, desabafou a sua angústia.



Uma casa antiga, em ruínas.

Padre Horácio

TRIBUNA DE COIMBRA

Três casos

FUI, a pedido de um pároco, aos arredores de uma cidade do Centro. A situação era uma criança de nove anos, para a qual era pedida a nossa ajuda. Como é costume, fomos lá — ao sítio. Vive com a mãe e um padrasto. Enquanto esperávamos, a vizinhança vai dizendo mal da família em causa. O cobrador camarário da água, que por ali anda há anos, carrega nas tintas e traça um quadro negro daquele «quarteirão», antiga residência de assalariados de importante casa agrícola. Fala do vai-e-vem de inquilinos, das rendas que ficam por pagar e dos recibos de água e luz condenados ao relaxe. Um casal de idosos que ali «aguenta» há quarenta anos, por não ter melhor terreno, denuncia o narcotráfico, a degradação de costumes e a linguagem torpe de crianças e adultos.

«Inteirados», aparece a mãe do miúdo que regressa do trabalho. O seu aspecto denuncia o trabalho violento a que se sujeita — o corte de madeira na floresta. É-nos dito que o pequeno tem boa relação com o padrasto, mas não lhe obedece e que, inclusivé, já o tentou agredir — uma criança de nove anos!... A mãe é que tem ainda alguma autoridade sobre ele, mas exercida, segundo os vizinhos, algumas vezes, com violência extrema. Em todo o caso pareceu-nos ser uma mulher com algum equilíbrio e ligação ao garoto. Depois deste encontro pro-

meteram ambos que iam tentar entender-se, ficando o «internamento» para a última situação. Regressámos sem saber o que teria sido melhor. O que nos diz a experiência é que quando a família está doente na raiz, o melhor, ainda que custe a separação, é o «internamento». Quanto mais tempo passar mais difícil se torna.

AGORA, no hospital de cidade-satélite da Grande Lisboa. O pai de dois nossos está à morte. Fomos com eles, alertados por Irmã religiosa que há muito desenvolve trabalho apostólico no bairro onde viviam os pequenos. Enquanto aguardámos, ouvimos alguns desabafos acerca do desinteresse e até alguma desconfiança com que certos responsáveis, próximos da Igreja, olham o seu trabalho. É pena. Dói-nos sempre esta falta de apoio por desacreditar, aos olhos dos que não acreditam, a fé que nos move.

No hospital impressionou-nos, antes de mais, o mistério do sofrimento. Depois, a ânsia daquele homem em ver os seus filhos. De certo, a despedida. A gratidão com que me olhou — já nos conhecíamos. Dali seguimos para o Tribunal a fim de questionarmos a Justiça sobre situação insólita que envolve os pequenos: em certa altura uma companheira do pai, para se apossar da casa e dos bens do mesmo, não hesitou em retirar do

nome dos pequenos o nome da mãe verdadeira e colocar o seu. Em ambos os casos com toda a legalidade... Custa a compreender como é possível uma coisa destas! Há dois anos que estão connosco, sem cédulas que nos identifiquem, porque o assunto, obviamente, sob alçada da Justiça, ainda não foi despachado.

FINALMENTE, em zona rural, também a pedido de um pároco, fomos ver o caso de duas crianças. Mãe adolescente juntou-se com um homem, há pouco falecido. Vieram oito filhos. O pedido é para os dois mais novos. Outros foram distribuídos por famílias ou adoptados. Ficámos tristes com a própria descrição que a mãe faz dos pequenos, confessando a sua incapacidade para os educar. De igual modo impressionam as condições de habitação e de nutrição. Pareceu-nos serem portadores de alguma deficiência mental, também, o que dificulta mais ainda a sua integração escolar e social.

Os três casos expostos retratam bem os múltiplos problemas da nossa sociedade. Mas quantos outros não haverá com certeza!? Nem sempre as estruturas estão à altura da complexidade dos problemas. Por outro lado, as estruturas não chegam. É preciso gente disponível que ofereça a sua vida e tempo. Ficámos, em todo o caso, felizes; e agradecemos a Deus o dom que é a Obra da Rua — por nos proporcionar esta proximidade tangente com Jesus Cristo nas dores destes nossos irmãos.

Padre João

DOCTRINA



A verdade escandaliza...

NÃO sei que ventos trouxeram o «Quim Mau» para o rosto do jornal — como foi observado na crónica passada — sendo certo que desde o início da campanha o catraio foi sempre visto nas páginas interiores, discretamente. Não sei. Os Pobres são assim; vão para onde os mandam, sem discutir. O «Quim Mau» é pobre; pobre é também quem dele escreve. Esta doutrina social que agora lê em *A Ordem* com o nome de *Casa do Gaiato*, foi antes *Sopa dos Pobres* e depois *Obra da Rua* em um semanário da cidade de Coimbra. Rótulos diferentes de um mesmo néctar, foi, por vezes, considerado vantajoso o mudar-lhes o nome, fora e acima da minha vontade. Coisas dos homens! A prosa metia medo a reis e reinados. A verdade escandaliza certos e certas, naquele tempo e lugar, mais destas do que daqueles. Gostariam infinitamente que eu me calasse, mas as pedras falarão na minha vez.

NÃO é de dizer a ninguém a via dolorosa que tem de calcar todo aquele que decididamente procura associar-se à miséria dos Irmãos em Cristo. Tem necessariamente de sofrer quem no Mundo se propuser fazer o Bem, bem feito. Ganham-se vitórias, sim, todas as vitórias; não pela força, mas pela fraqueza. Quem há aí que faça mal à Criança? Nem a mim o fizeram e passei. Não são braços caídos! Não, são mãos postas! Nesta cidade laboriosa hei-de brandir as mesmas armas; fazer-me tudo para todos para ganhar outras vitórias.

A crónica desta semana é feita no trepidar do comboio a caminho da Capital aonde vou fazer recados ao Pobre pois que sou recoveiro deles. Agora não, que tenho passe. Mas antes de o possuir, quantas vezes não pedi eu dinheiro emprestado para ir aos pés dos Ministros defender a sua causa — quantas! A eloquência do pedir não é de forma nenhuma o fruto de saber falar, mas sim do amor àqueles por quem se pede. O Filho do Homem foi sempre atendido, por muito amor: «Pai Celeste, Eu sei que sempre Me atendes». Arrancava ao coração dos Ministros tudo quanto lhes pedia; e deixava alguma coisa no coração dos Ministros! Hoje, sigo rumo a Lisboa a falar com eles. O assunto é o mesmo; a gente fala da abundância do coração.

D. Amín. S!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.ª vol. — Campanha de 1943 a 1944)

PASSO A PASSO

Ser criança

SÃO decorridos já muitos anos, mas é preciso continuar a ser criança. Esta é a prerrogativa de ser objecto do olhar acolhedor de Deus e dos homens. Só como criança se pode entrar no Reino dos Céus; só à criança ninguém é capaz de virar a cara.

O amor à criança de todo o ser humano, é a maior prova da gratuidade e generosidade que em todos habita. Podem estes valores estar escondidos e muito esquecidos no fundo do coração. Mas estão lá. E quando são despertados, logo vêm ao de cima e se manifestam.

E se a criança é pobre?! Aí, somam-se dois predicados e a força deste ser duplica. Qual energia misteriosa desperta no coração dos adultos, a ponto de se perder o norte. Vão-se as palavras; fica o silêncio da profunda comunhão do ser humano.

É nossa tendência normal, fazer com que os outros sejam iguais a nós. É quase um imperativo para que possa haver relação. Na educação das crianças, quantas vezes não se cai nesta tentação e não se respeita o dinamismo natural do seu crescimento?! Vejam-se os pequenos monstros que se vão manifestando neste mundo evoluído e civilizado.

Nestes tempos do imediatismo, também as crianças têm de ser rapidamente à maneira dos adultos, à força de coisas e de métodos. O resultado é que se perde a criança e um futuro adulto equilibrado.

Nós também sofremos a acção destas forças que nos querem fazer iguais aos outros. Mas, teimosamente temos de continuar a ser crianças. É a garantia maior de termos o futuro pela frente.

Padre Júlio